

BRASIL - PORTUGAL

16 DE DEZEMBRO DE 1907

N.º 214

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIO — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa



O capitão Alves Roçadas, commandante da columna expedicionaria vencedora do Cuamato

Estão entre nós, desde quinta feira, os heroicos officiaes e soldados que, sob o mando supremo do capitão Alves Roçadas, firmaram no sul d'Angola o prestigio de Portugal, vingando assim o desastre de 1904 e escrevendo na historia da patria mais uma pagina de brilhantes feitos. O que foi o desembarque da columna expedicionaria, o que foi esse desfile triumphal, já de noite, atravez das principaes ruas da cidade, é coisa que não sabemos descrever porque a alma tem sentimentos que a palavra não é capaz de exprimir. Essa marcha d'um punhado de soldados sob uma chuva de flores, no meio do povo que os apertava para mais de perto os ver e acclamar, as palmas, os rivos com que das janellas os saudavam, os lenços que mãos de senhoras agitavam, tudo isto depois de já se ter visto desfilar as tropas da guarnição, de já se ter ouvido as musicas guerreiras das bandas regimentaes, constituiu um espectáculo soberbo, impressionante, grande, inolvidavel! A alma portugueza precisa d'estes espectaculos para se expandir com todo o entusiasmo! Perante esses soldados que voltaram d'uma guerra que tantos sobresaltos nos tinha causado, toda a indifferença desapareceu e todos sem distincção de partidos, edades ou sexos, acclamaram os vencedores n'uma grande expansão de carinho como devem ser acclamados os filhos dilectos d'um povo e os soldados d'uma nação! Vendo-os passar com ramos de louro mettidos nos cannos das espingardas, vendo esses rostos tiznados olhando para as janellas, risinhos, satisfeitos, com a expressão de quem tem a consciencia d'um dever cumprido, vendo esse desfile lento, a cada passo interrompido por ondas de povo que bem de perto queria ver e por assim dizer tocar esses heroes que vinham de honrar Portugal em regiões mysteriosas do continente africano, parece-nos que não houve ninguem que n'esse momento não sentisse desejos de os imitar fazendo em beneficio da patria o mesmo que elles fizeram. Viu-se então, e ainda bem que o facto foi presenciado por estrangeiros, que Portugal não é um povo de indifferentes nem uma nação moribunda. Não morre o povo que presa as suas glorias militares e que sabe acclamar os seus soldados! Honra ao capitão Roçadas e aos seus heroicos camaradas e que Deus tenha em gloria aquelles que, succumbindo no campo de batalha ou victimas do inhospito clima, já não puderam receber as homenagens dos seus concidadãos!

VIDA ELEGANTE

EM EVIDENCIA



Viscondessa de S. Gyão

(Cliché Evaristo — Espinho).

O título que por seu marido lhe pertence não veio senão dar realce à sua elegância, à sua formosura e à sua bondade. Mas, mais do que esse título, o de esposa amantíssima e o de mãe estremosa, e portanto feliz, enche-lhe de jubilo o coração. Esses tres bebês, galantes e traquinas, que n'esta mesma columna apresentam as suas caritas graciosas, são o objectivo dos seus cuidados e o enlevo da sua alma.

Os pobres da antiga villa de Torres Novas adoram-n'a porque

Os filhos dos srs. viscondes de S. Gyão



João — Maria Luiza — Maria José

ella reputaria incompleta a sua felicidade se por elles não repartisse o superfluo da sua fortuna.

Na sociedade de Lisboa, onde conta dedicações e affectos, a viscondessa de S. Gyão, tem a consciencia de que merece todas as sympathias e todas as admirações, porque ella sabe conjugar, como poucas, as regalias de uma invejavel situação com as excellencias de um coração, rio de dons naturaes, que uma captivante modestia aformosea e põe em destaque.

E ahí teem porque o *Brasil-Portugal* se rejubila hoje de illustrar com este nome e este retrato a sua galeria das damas portuguezas.

Gillatt.

EM FÓCO

A familia, o paço, a sociedade elegante, o exercito, a instrucção primaria, reclamam-n'o simultaneamente, e nem eu posso com facilidade calcular a hesitação nervosa, *l'embarras du choix*, que hão de por vezes perturbar o caracter generoso e o cerebro lucido de Antonio Waddington.

Ah! se elle tivesse o dom da ubiquidade! Se lhe fosse possivel



Antonio Waddington

estar ao mesmo tempo em toda a parte, como se sentiria orgulhoso de resolver esse problema insolvel! Iamos ainda assim apostar que nunca se sentiu tão á vontade, tão no seu logar, tão cheio da satisfação que dá um dever cumprido, como nessa memoravel tarde da Sala do Risco em que milhares de creanças celebravam a sua grande festa. E' que elle tinha sido bem mais do que o simples inspector official, tinha sido a alma, o braço, a cabeça, o motor, que fizera gyrar toda essa engrenagem, e nunca o seu coração se satisfez como nesse dia de labuta, em que viu coroado pelo sorriso de tantos bebês, o seu esforço, a sua confiança, a sua dedicação, a infancia das escolas de Lisboa, que ha de constituir o futuro da patria.

Alguem.

À Ondina

Estava a linda Erygia descansando
Na praia, sobre a areia loira e fina,
Seu corpo gracil, que os tristões fascina
E o mar, ha muito, andava galanteando;

Quando este, ancioso, ao vel-a dormitando
Espraiou de manso a juba crista'ina
E ao corpo nú da adormecida ondina
Foi suas aguas tepidas moldando.

E tão intimamente, ás lindas ancas
De palpitanes carnações redondas,
Se estreitaram, ardendo em doces fraguas,

Que da formosa Erygia as fórmas brancas
Vivem ainda hoje, feitas ondas,
Na curvatura lubrica das aguas.

Gomes Sanchez

O mosteiro de Cêtte

Nas pittorescas margens do Soura, quasi escondida pelas opulencias da vegetação do campo e da soberba propriedade da familia Pinto Basto, está a igreja parochial de Cêtte, designando pela inconfundivel construção architectonica, pelo seu classico portal, frontaria, torre, gotteiras, brazão e rosacea, bem como pela patine que reveste o ennegrecido granito, a mais veneranda antiguidade.

Sonha-se alli a saudosa poesia dos seculos que passam e a magestade piedosa que no culto avulta os mysterios que ficam. Aos passos do viajante que alli vae admirar aquella formosa recordação do passado, responde o echo de tão velhas tradições, como são as que nos legou a vinda dos gascões á conquista do Porto e o estabelecimento n'aquellas deliciosas paragens dos aventureiros paladinos que acompanhavam o conde D. Henrique.

Vestigios da passagem dos mosarabes e da influencia que tiveram entre nós os primeiros eremitas de S. Agostinho, revelações da idade media com todo o sabor cavalheiresco, idyllios campestres, mysticas devoções e piedosas romagens: tudo nos ostentaria a chronica de Cêtte, apontando-nos a ruina e escassos vestigios do seu antigo convento e a solemne e imponente magestade com que se conserva o seu templo.

A archeologia tem alli um bello motivo de investigação e a arte nacional um admiravel ensejo de estudo e proficientes meditações!

Pena é que se tenham perdido os principaes elementos para fazer uma historia completa d'este monumento religioso, pois as chronicas apenas designam ligeiros dados sobre a fundação do convento, que atribuem a Muzara e Zamora, dois mouros convertidos, que em 882 o dedicaram a S. Pedro. Destruído na invasão de 963, voltou a ser reedificado em 967 por Gonçalo Vasques, fidalgo que é tido como tronco dos Freitas e viveu no tempo de Affonso sexto de Castella,

Egrejas, mosteiros e capellas



O mosteiro de Cêtte

(Cliché de Alberto Ferreira — Porto).

sogro do conde D. Henrique. Pertenceu esta casa religiosa aos eremitas de Santo Agostinho e depois foi doada em 1521 aos Cruzios de Coimbra, não porem aos Conegos Regrantes mas aos do Collegio da Graça.

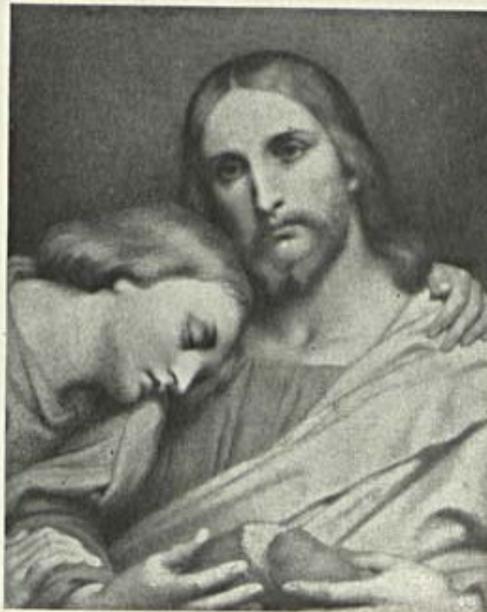
Passando uma vida conventual modesta veio esta instituição a manter o culto e a vida claustral até á data da extinção das ordens religiosas em 1834, passando depois a ficar só o templo a ser destinado ao serviço parochial.

Sentinella perdida, erguendo-se na sua vetusta auctoridade, por

entre a luxuriante vegetação do nosso poetico Minho, o templo de Cêtte guarda em seu seio com todos os encantos da crença religiosa, as venerandas recordações d'um passado que vae longe e da boa, da sincera piedade do povo portuguez que é sempre leal e sincero, por isso inextinguivel.

F. J. Patricio.

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Christo e S. João

Origem d'algumas flôres

A tulipa foi dada a conhecer a um botanico belga por um embaixador da Turquia em 1575, espalhando-se logo depois por toda a Europa.

O jacintho é oriundo da Asia Menor, d'onde foi trazido pelos hollandezes antes de 1600.

A dhalia cresce espontaneamente nos campos do Mexico, sendo trasida d'ali para a Europa em 1789.

A peonia veio da China em 1805.

O cravo é natural da Barbaria.

Resignação

O nosso amor morreu! E eu que julgava
Que elle durasse toda a minha vida,
Nunda pensei, olhando-te querida,
Que tambem esfria a mais ardente lava.

Da tormentosa sorte que o esperava
Fugiu talvez buscando outra guarida,
Como foge a gaivota espavorida
Do turvo mar que o vento agita e cava.

Abraça-te comigo n'esta hora
E, pensando nos dias magoados
Que elle nos deu e n'esta paz de agora,

Choremos, sim, mas calmos, resignados,
Como se chora a morte redemptora
Dos que na vida foram desgraçados,

Gomez Sanchez.

A vida em Biarritz

Depois de deixarmos Madrid, alegre e luminosa debaixo de um céu esmaltado de azul, atravessámos esse umbroso paiz vasconço, que tem sabido resistir á invasão do cosmopolitismo. Ignoradas, felizes e bellas, de uma impressionante belleza, sufficientemente desconhecidas para deixarem ao viajante o attractivo commovente do mysterio, as Vascongadas ficaram, por excellencia, a patria archaica do passado vivo. Castro Urdiales, Portugaleta, Bilbao, Guernica, Durango, Vergara, Orduña,



Na fronteira hispano-franceza
Soldados, guardas civis e carabineiros

Tolosa, Azpeitia, Zumárraga, Alsasua, Hernani, Guetaria, Fuentarabia, são outras tantas povoações perfumadas de archaismo e respeitadas pela edacidade do tempo, mas cujos nomes heraldicos adornam a historia da Hespanha como os tumulos heroicos podem adornar uma basilica antiga.

Uma raça de modos aristocraticos, mas um pouco rude, habita as povoações. Ao longe, nos campos indolentemente cultivados, os carros modulam seus arpejos estridentes, a lamentação monotona dos seus eixos de madeira. Rios preguiçosos e crystalinos retardam o seu curso para o Oceano, como quem sente pena de abandonar os valles sombrios, onde dormem as ruinas e as cidades taciturnas,

cujas casas se debruçam sobre as aguas cheias de hervas floridas como os avós se inclinam sobre a frescura gracil dos berços dos netos. O sonhador pôde, a seu livre alvedrio, isolar-se do nosso tempo, escondendo-se nas asperas gargantas que se abrem como crateras, ou nos viçosos terrenos que se estendem, com louçania, do Nervion ao Ebro e ao Bidassoa. Os soutos vastissimos, os campos de milho, as pastagens verdejantes, dilatam se até ás vagas maritimas, sobre as quaes se alongam os promontorios, como que a espreitam os navios e a estender-lhes, perfidamente, os escolhos do golpho mal-afamado. O mar vem bater nos rochedos em que se aninham as aguias, desmaiando, mais além, sobre as areias fulvas das praias ou na embocadura dos rios platinados e bordados de robles e de eucalyptos. E as estações balneares de Borneo, de Mundaca, de Lequeitio, de Zarauz e de S. Sebastian, reluzem nas suas faxas de areia, franjadas pelas branquissimas espumas marinhas.

O paiz basco, de uma inexgotavel riqueza mineira, é constituido pelas provincias de Biscaya, Guiposcoa, Alava e Navarra. As tres primeiras tiveram as formas republicanas: na Biscaya a democracia, na Guiposcoa a oligarchia e em Alava o estado mixto. A Navarra era um reino que se integrou na corõa de Hespanha, no tempo dos reis catholicos. Os *fueros* biscainhos, que consistiam na isenção do imposto e do serviço militar, ainda receberam confirmação no convenio de Vergara em 39, mas foram completamente abolidos por Canovas del Castillo em 76. Os dos bascos francezes haviam sido annullados pela Revolução em 1790. Já ia longe — muito longe! — o tempo em que os consules biscainhos governavam sobre todo o litoral cantabrico, de Bayona a Bayona, isto é, da Bayona franceza á Bayona gallega. O povo basco, esse pequeno povo que salta e que dança no alto dos Pyreneus, para usarmos a expressão de Voltaire, sabe falar aos estrangeiros como os gregos de Homero, com um orgulho que, melhor do que a ethnologia, afirma a integridade nativa da sua raça, em tanta maneira indoinita, que o grande Gonçalo de Cordova chegou a opinar assim: — "Antes queria ser domador de leões, que ter cargo de biscainhos."

Os bascos são tão activos e laboriosos, que podiam, ás mil maravilhas, adoptar a divisa dos catalães de outr'ora: — "Menos barulho do que trabalho." Os homens, elegantes e briosos, teem os seguintes caracteres ethnographicos: nariz aquilino, olhar doce, fronte alta, rosto oval, tez colorida, cabellos pretos, estatura elevada, membros robustos e andar elastico; as mulheres teem phisionomia risonha, sorriso escarninho, olhos expressivos, cabellos longos, uma gloriosa flexibilidade de talhe e um porte patricio, que faz lembrar os velhos quadros florentinos, animados de gestos hieraticos e de attitudes aristocraticas. Os jogos dos bascos, como os dos iberos, seus antepassados, são jogos de destreza e de força, são o salto, a dança e a lucta. Nas partidas de *pelota basca*, que é uma das glorias euskaras, vê-se o robusto jogador projectar uma bola, que ora passa rente ao solo, ora descreve uma enorme trajetoria parabolica pelos ares. Durante um largo trecho de tempo, a bola revoloteia nas regiões aereas, vae e volta, atiram-n'a de novo, sem tocar em terra, enquanto os olhares interrogativos da multidão a seguem nas linhas curvas, que ella traça no espaço. Ante estas provas do atletismo e da elegancia viril, comprehende-se o que seria a Grecia antiga, com os seus atletas, os seus modelos, os seus enthusiasmos, as suas corõas, os seus monumentos ao triumphador, e a sua idolatria da belleza e da força. Tambem nós tivemos o jogo da pélla, já apontado na Miscellanea de Garcia de Rezende



Biarritz. — A praia e os casinos

e que ainda se jogava na primeira metade do século XVIII, dando-se até a circunstancia de haver um sapateiro da moda, o Antonio Gomes dos Cubertos de Belem, que possuía o segredo de encher as péllas para o jogo da nobreza. Mas este e outros jogos athleticos foram cahindo no olvido, a sua recordação foi-se vagarosamente oxydando, e apenas nos restam as tauromachias, hoje abastardadas pelos enxertos de ruim casta.

A praia de S. Sebastian é a mais aristocratica das praias hespanholas, é a Cascaes da Hespanha. A sua amplissima bahia de La Concha, onde as vagas de sinopla se quebram com ruidos tilintantes de crystaes, é guardada por duas sentinellas sempre despertas:



Biarritz. — O terraço do Casino Bellecuc

o monte Orgullo a um lado e o monte Igueldo a outro. O monte Orgullo ou do Castello gravou seu nome na Historia, porque lá se bateram, com arreganho, os francezes contra os alliados, em 1813, e lá combateram, com furia leonina, os carlistas contra os christinos em 1835, quando as Vascongadas eram o theatro em que se desenrolava essa guerra de Cains, como a denominou Trueba, um condestavel das letras vasconças. A Mira-Concha, a Zuriola e a Alameda são outros tantos passeios encantadores, onde se podem admirar os mais garbosos exemplares das morenas de Madrid, das rúbias de Burgos e das loiras de Pamplona. Na praia, notamos as barracas de banhos, umas casotas oblongas de madeira, listradas de côres e montadas em quatro rodas, que são puchadas para o mar, logo que a maré desce, e para terra, apenas sobe. Recordam as barracas das praias de Trouville, de Ostende, na Belgica, e de Scheveninguen, na Hollanda, que são tiradas por cavallos, que as arrastam até ao mar, e, descrevendo um semi-circulo, se voltam depois para o lado da terra, a fim do banhista descer os degraus da barraca e mergulhar na agua.

O *Gran Casino Easonense*, á entrada da Alameda, é um admiravel edificio em stylo Renascença, que occupa uma area de tres mil metros quadrados e que é devido ao risco dos architectos Aladren e Morales de los Rios. A escada principal conduz ao salão de baile, que brilha nos espelhamentos das columnas e nas scintillações dos lustres, n'uma apothose de luxo. Junto a este salão, encontram-se os dois *invernaderos* ou salas de inverno, uma das quaes dá para o porto e outra para a Alameda. Este magnifico casino tem uma orchestra de oitenta executantes, dirigidos pela batuta de Arbós, e é servido por creados, trajando casacas agaloadas de prata, colletes e calções de peluche de seda encarnada, meias de seda branca e sapatos de fivella. E' accessivel a todos os individuos decentes, excepto aos menores de vinte annos, sendo do sexo masculino, e de quinze, sendo do sexo feminino. No salão, vêem-se bellezas que podiam usar o manto de Juno ou o carcaz de Diana, cinturas que se podiam abraçar no anel pontifical, mãos que se diriam modeladas sobre alguma antiga estatua de Cybele, olhos que teem o poder evocativo da imagem soberba de Flaubert — soes debaixo de arcos triumphaes. No ar morno, circula uma alegria que participa de todas as qualidades dos vinhos hespanhoes: é embriagadora, avelludada e quente.

O bairro novo de S. Sebastian traz-nos á idéa os novos bairros de Madrid, com as suas avenidas anchissimas, as suas construcções de bom gosto architectonico e os seus cafés ruidosos como enxames de abelhas. A bacia da Concha, como as praias gregas, dir-se-hia ter sido debuxada a compasso, consoante as indefectives regras geometricas de Pythagoras e de Euclides. E ao flanarmos na Mira-Concha, onde os *chalets* fazem lembrar os ninhos das gai-votas pendurados ao rez-de-agua, ao sentirmos a brisa que nos envolve nas suas pregas silenciosas, ao vermos essas graças frageis que passam como os phantasmas de todas as illusões romanescas, affigura-se-nos que o mar se torna brando e felino, que reveste as graças lentas da seda que se desdobra, do setim que se desenrola...

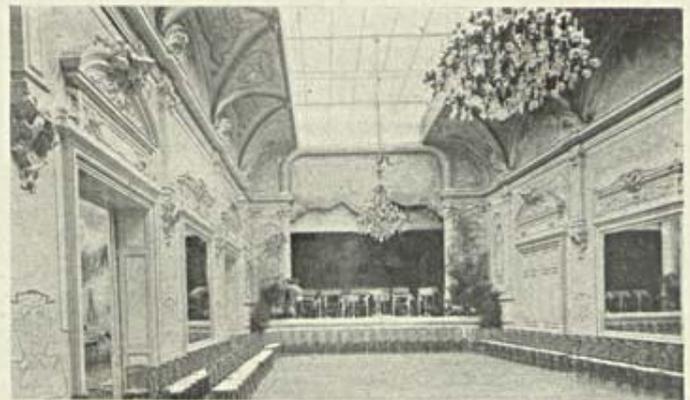
Antes de chegarmos a Biarritz, encontramos S. João de Luz, uma praia que se desenvolve á maneira de um crescente, formando uma bahia que tem á esquerda a grossa torre pardacenta do castello de Socoa e á direita a *Pointe Sainte-Barbe*, na qual, segundo se diz, o rei de Inglaterra tencionava construir um palacio. S. João de Luz, hoje decadente, é de um pittoresco violento, já pela originalidade das suas casas, já pelos costumes bascos, ahí conservados em toda a sua pureza. De passagem, notamos a igreja de S. João, o

jogo da bola, o café do *Sport* na praça Luiz XIV, o café Madrid, o café Suizzo na casa de Luiz XIV, a *Patisserie aux grands macarrons*, o hotel dos Pyreneus e o hotel de Inglaterra, na praia, junto ao *Grand Casino de Saint Jean de Luz*. Do terraço do Casino, descortina-se o panorama da bahia, onde os barquinhos deslisam, de voga arrancada, como insectos sobre um espelho. Ao largo, bolinam algumas velas latinas, que palpitam como azas de albatrozes, navega um paquete que agita o seu pennacho de fumo, como quem nos saúda amistosamente, e as cristas dos Pyreneus vão-se affastando na direcção das costas de Hespanha, perdendo-se na linha do horizonte, que se curva sob a orgia dos azues, sob a delicadeza dos violetas, sobre a loucura dos resplendores da tarde! A esquerda de S. João de Luz começam os penedos, que, até á foz do Bidassoa, bordam a costa, onde as vagas vagabundas modulam o seu canto rythmico, acompanhado pelo órgão dos ventos. A direita, estende-se a praia arenosa, que, á maneira de uma fita de prata, liga S. João de Luz a Guéthary, esta a Bidart e esta a Biarritz.

Biarritz surge aos olhos dos viajantes como uma scenographia nova de Manin póde surgir aos olhos dos espectadores de S. Carlos. E' uma decoração de opera encaixilhada no litoral francez. A povoação estende-se por duas encostas. Em baixo, a *Grande Plage* desenvolve-se n'um comprimento de quasi um kilometro, desde o cabo *Saint Martin*, pharolisado por um pharol rotatorio, até á *Atalaya*, para além da qual se encontra um tunnel que conduz a outro pharol, ao rochedo da Virgem e a um dique ou porto de refugio, construido pelo engenheiro Dagueneu em 1864, por ordem de Napoleão III, mas que foi parcialmente destruido por um temporal em 30 de setembro de 1868. Na *Grande Plage*, a força do mar é amortecida pelos rochedos, eternamente abraçados por uma cinta de espuma oscillante.

Não longe do primeiro pharol, havia o palacio da imperatriz Eugenia, destruido por um incendio ha dois annos, mas reconstruido depois. N'elle se installou o *Grand Hotel du Palais*. Perto do tunnel, existe o caminho que leva ao Porto Velho, uma bacia que parece talhada pela mão do homem para segurança dos banhistas que a frequentam, e que são, em regra, os mais timoratos e os que não desejam misturar-se com as elegancias ostensivas de Biarritz. Em seguida, encontra-se a *Côte des Basques*, cujo nome lhe proveio do facto das gentes bascas virem banhar-se aqui, por divertimento e em grande numero, na segunda metade de setembro. Outr'ora, este pedaço da costa biarritzense era a praia predilecta dos bascos, o que levava um chronista a dizer em 1856, que a realisação d'essa viagem annual constituia, para elles, um dever não menos sagrado que a viagem de Meca para os verdadeiros crentes. Olhando para a esquerda da *Côte des Basques*, enxergam-se os pincares alcantilados dos Pyreneus: o Rhune, o Haya, com o seu triplice cume, e o Jaizquível, em terras de Hespanha. Na *Côte des Basques*, as ondas avançam desordenadas como um bando de negros hostis, encabritam-se como um russo-cardão entre os joelhos ferreos do picador, para depois cahirem extenuadas e, n'um ultimo arranco, varrerem a praia.

Biarritz é a perola da *Côte d'Argent*, assim chamada para a irmanarem com a *Côte d'Azur*, na contra-costa mediterranea. Começou a celebrar-se no discorrer do Segundo Imperio e foi a imperatriz Eugenia quem lhe deu a consagração da moda, a reputação elegante, e, como consequencia logica, os fóros de uma das primeiras praias europeas. O começo das suas transformações data de 1858, por iniciativa da Familia Imperial, que para ahí fôra veraneiar, pela primeira vez, em 1856. N'aquelles tempos, tambem as vinte e cinco praias da Normandia consolidaram a sua fama, chegando



Biarritz. — O salão de concerto do Casino Bellevue

mesmo as de Trouville, Deauville, Houlgate e Cabourg a attingir o fastigio do renome, ao passo que, dez annos antes, eram o Havre, Dieppe e Boulogne que levavam a palma ás outras praias francezas. O palacio da imperatriz, anteriormente citado, fazia brotar estas linhas do tinteiro de um chronista de 1859: — "Remobiliza-se, n'este momento, a villa Eugenia, e a casa Requillart, Roussel e Choqueel, fornecedores diplomados do imperador e da imperatriz, expediram, para este fim, os seus estofos mais raros e as suas tapeçarias mais ricas. Já se anda preocupado com as festas que se realisarão, todas as quintas-feiras, na villa Eugenia. Mas a verdadeira festa de Biarritz e a sua eterna magnificencia é o espectáculo su-

blime do mar, sempre commovente, sempre novo e sempre diverso.

Durante o compasso de espera que a época banear de Biarritz lhe facultava, a imperatriz Eugenia escapava-se do turbilhão vertiginoso das Tulherias, onde os satellites se rivalisavam em torno da estrella imperial e onde a esplendidez da cõrte parecia um sonho acordado n'uma galeria ignita do sol. A imperatriz dava o exemplo da simplicidade na Biarritz de 1866, passeiando, como uma simples mortal, de vestido de panno azul, saia vermelha, camisola vermelha e gorro preto. O exemplo, vindo do alto, não era, porém, seguido pela multidão aquatica, porque um chroniqueiro contemporaneo assevera que a riqueza das *toilettes* dos banhistas excedia toda a idéa que se pudesse fazer d'ellas. Vem a pello dizer que os fatos de banho em voga eram tres: o Marinha Imperial, o grego e o Biarritz, sendo este ultimo todo branco ou todo encarnado, com uma banda á cinta. As elegantes de Paris usavam então uns chapéus intitulados Biarritz.

No entretanto, Biarritz emparazava-se com as alegrias desenfreadas do luxo. Os bailes do Casino eram dirigidos por Waldteufel. No passeio ensaibrado que então havia na praia e á hora em que o astro triumphal entornava torrentes de diamantes em fusão, circulavam as equipagens da elegante decadencia do Segundo Imperio, tão asperamente chasqueada na obra d'esse caricaturista musical, que se chamou Offenbach. Os *reporters* da alta vida citavam

Curions, não com a toga dos da Via Appia, mas com as andainas confeioadas pelos alfayates inglezes do *boulevard*. Se aqui se não encontra a capiosa Lesbia, encontram-se, todavia, as redolentes Cynthias, não com as tunicas de seda de Cos, mas com os modelos de Paquin, de Beer ou de Doucet. Se aqui se não encontram as quadrigas pomposas como o carro de Medéa com os seus dragões alados, encontram-se, todavia, uns cento e vinte automóveis que correm, a toda a gazolina, em todos os sentidos.

Biarritz possui grande quantidade de hotéis e de pensões. Entre os primeiros figuram os de Inglaterra, do Casino, Grande Hotel, Victoria, *du Palais*, Regina, Continental, dos Principes, *Biarritz-Salins*, Saint-James, da Russia, Bristol, Francisco I, Pavilhão Henrique IV, Metropole, Helder, Lefevre, de França, de Europa, *Saint-Julien*, de Bayona, das *Quatre Saisons*, *Cosmopolitain*, Pavilhão Luiz XIV, *Bellevue*, *des Falaises*, Central, do Louvre, *Silhouette*, do Oceano, Pavilhão Affonso XIII, etc. O hotel de Inglaterra, cujo edificio acaba de ser vendido ao arrendatario por tres milhões de francos, partilha, com o Victoria, a alta honra de hospedar os inglezes dinheirosos e essas loiras filhas de Albion, cuja brancura Musset comparou a uma gota de leite cahido do céu. Em Outubro, aos primeiros assomos da estação invernal, esta clientella é augmentada com os moscovitas pecuniosos, cujas mulheres, flores de entre o gelo, veem exhibir as suas bellezas hyperboreas, as suas elegancias polares e as suas graças antarcticas na archi-deliciosa Biarritz.



Biarritz. — A praia à hora dos banhos

as notabilidades da colonia banear de Biarritz, onde, a par dos flôres das duquezas authenticas, se viam as corôas fechadas da galanteria parisiense; Morny, Aguado, Pourtalès, Mouchy, acotovelavam-se com Anna Deslions, uma cortezã digna de Tyro ou de Babilonia, Julia Barrucci, a amante do principe Humberto, Margarida Bellengé, a amante de Napoleão III, e Blanche d'Antigny, a putredinosa Nana do romance. As quintas-feiras da imperatriz eram frequentadas pelos monopolistas do sorriso da Fortuna, por todos os frivolos que tiveram o seu chronista em Prosper Mérimée e o seu historiador em Imbert de Saint-Amand. Aqui, a fanfarra brilhante das *toilettes* das damas mostrava até que ponto podia trepar o genio de Gagelin, e as casacas dos homens demonstravam até que ponto se podia alçapremar o talento de Humann ou de Dusautoy, o alfayate do imperador. Quando em Biarritz, a Familia Imperial fazia excursões costeiras no seu hiate *Chamois*, e foi n'uma d'ellas que este bateu n'uns rochedos em S. João de Luz, percalço de que a imperatriz e seu filho escaparam, não sem que o piloto percesse desastrosamente. As incontrastaveis elegancias do Segundo Imperio apagaram-se na atmospha vaporosa do passado, o diadema imperial tombou no pó, mas Biarritz é que não expungiu as suas extremadissimas elegancias nem abdicou da sua corôa, e ainda em nossos tempos prova, victoriosamente, que os banhos de mar servem para todos os males, mesmo para . . . a saude.

Biarritz é uma moderna Baías deitada sobre as areias do golpho de Gasconha; é a Baías sem as temulencias delirantes da Roma cesarea, sem as loucuras orgiasticas que fizeram com que Seneca lhe chamasse o prazodado dos vicios, com que Tibullo censurasse os seus deboches e com que Juvenal e Persio puzessem uma corda de bronze nas respectivas lyras. Se aqui se não encontra o omnipotente Cesar, encontram-se, todavia, os Celios, os Dolabellas e

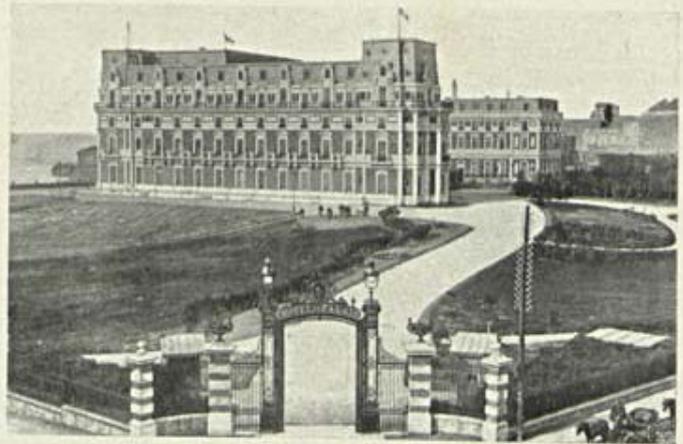
Alóra os hotéis, Biarritz possui estabelecimentos elegantes como uma *toilette* de baile. Assim, tem modistas como Beer, Lewis, Bechoff, Bategat, Klein, Roger e Malot (todas de Paris), Heitz e *Prince de Galles*; joalheiros como *Marquant et Cesar*, *Lacloche*, *Mellerio*, e *Morgan*; pastellarias como *Miremont*, *Maurice* e *Daudin*; alfayates como *Arossen*, *Gilles* e *James Pille*; floristas como *Gello Frères* e o *Palais des Fleurs*; espartilheiras como *Margueritte*; cabelleiros de damas como *Lenthéric* (de Paris); estabelecimentos de bilhetes postaes como *Jugand* e *Peyrau*; estabelecimentos hespanhoes como a *Maison Espagnole* e *A la mantille*; estabelecimentos de *bric-à-brac* como a *Maison du Pâchâ* e *Guérin*; estabelecimentos de recordações dos Pyreneus como *A Amethysta*; restaurants como o do Casino *Bellevue*; grandes armazens como o *Biarrits-Bonheur* e o *Old England*; e cafés como o *Glacier*, *Cosmopolitain*, de Paris, *New-Café*, *Royalty*, *Anglais*, de *La Plage*, onde o sextetto hungaro de *Franck Bertal* faz ouvir as valsas allemãs nos concertos-aperitivos, o *Petit-Casino* com os seus espectaculos de cançonetas e trabalhos de circo, o *Terminus-Olympia* com os seus espectaculos nocturnos, e o *Cinema-Palace* na rua da *Maison-Suisse*.

Os casinos de Biarritz, como, em geral, os das praias estrangeiras, não são, como os das praias luzitanas, quasi exclusivamente destinados a proporcionar a suave hiperhydrose nos exercicios da arte em que o Justino Soares falava de cadeira. Aqui, o prato de resistencia são os concertos musicaes. No Casino Municipal, ha os dois concertos diarios por uma orchestra de cinquenta musicos dirigidos pelo maestro Coste, ha os bailes infantis com premios a todas as creanças e dirigidos por Mr. Baraduc, professor de dansa em Paris, ha os concertos classicos dos sabbados e ha as recitas no theatro do Casino, onde representam companhias de operetta parisienses. No Casino Bellevue, ha os dois concertos diarios por uma

orquestra de setenta músicos regidos pelo maestro Arthur Steck, ha os bailes infantis dos domingos, dirigidos pelos professores Mrs. Lazar pae e filho, e ha os concertos classicos das terças-feiras. Os concertos do Casino Bellevue realisam-se na esplanada, de onde se póde vêr o largo mar, que o sol da tarde converte n'uma serie de escudos de ouro, em que se cravam frechas de diamante, parecendo que as sereias apresentam as suas armaduras aos golpes das walkyrias celestes. As salas d'este casino teem uma tonalidade fina, jovial, primaveril, todas a branco e ouro, sendo o vestibulo adornado com grandes *panneaux*, reproduzindo scenas da praia. Na sala de jogo só se póde entrar mediante o pagamento de vinte francos por toda a época. O gabinete de leitura é muito confortavel, e contem illustrações e jornaes francezes, inglezes, allemães, italianos e hespanhoes; e o restaurant é decorado com summa arte. Defronte da entrada principal d'este casino está o restaurant do Casino Bellevue, em que o toireiro Fuentes, contractado nas corridas de S. Sebastian, veio ceiar, durante noites seguidas, com alguns amigos, gastando entre trezentos a quatrocentos francos em cada ceia.

A hora elegante do banho, a hora da moda, é entre as onze da manhã e a uma da tarde. Antes d'essa hora, só tomam banho os caixeiros e os creados das hospedarias. Depois, os banhos continuam das tres ás seis e meia da tarde. Das onze á uma, a praia enche-se de gente, que vem occupar as cadeiras debaixo da arcada do edificio dos banhos e sob o toldo que abriga o passeio em toda a extensão da arcada. As floristas apparecem, offerecendo nos viçosos ramilhetes de flores, os vendedores de brinquedos tentam encampar-nos o ultimo producto da industria dos dices infantis, e os vendedores de jornaes circulam, apregoando com emphase: *La Petite Gironde! La Dépêche, de Toulouse! Le Petit Parisien, avec sa prime! La Liste Programme, de Biarritz!* O sextetto do café de *La Plage* executa trechos vivos, saltitantes, com suspensões imprevistas como um compasso de espera antes da chegada ao prazer supremo. As cordas dos violinos quasi que estalam n'um paroxysmo de tensão sonora, o violoncello arroja feixes de notas que rebentam como foguetes no ar, e a cythara espalha as suas gammas aereas e caricias como um beijo de sylpho. A polka *London*, o Maxixe e a lindissima valsa *Tesoro mio*, de Reccuci, como que nos arrastam nas ondulações caprichosas dos seus rythmos. N'este entretenimento, vão passando as Galatheas que sahiram das mãos dos Pygmaliones das modas, isto é, as que se adornam com os amplos chapéus de Félix ou de Carlier, e com os vestidos *tailleur* de Paquin ou de Rouff, a modista que fez o esplendido enxoval para o casamento de D. Maria Thereza de Bragança, esposa do proscripto D. Miguel de Bragança. Vão passando as *cocottes* com o seu *chic* provocante, os inglezes automaticos como o andamento dos ponteiros no mostrador de um relógio, e as aristocratas hespanholas com a crueldade do seu olhar negro e venenoso. Passam tambem alguns figurões da occidental praia luzitana: o A. C., com as suas barbricas de pensador lisboeta e os seus olhos triplicemente graves de mathematico, pacifista e miguelista; o V. de S., diplomata da escola do barão Grog, com os seus bigodes espumosos e os seus ares mavorcios de mosqueteiro de opera-comica; e o J. P., que depois reencontrare-

pontos magnificos para excursões, como são: o lago da *Negresse*, o lago de Chiberta, o bosque de Bolonha, os banhos de Cambo, o castello do principe imperial Napoleão (hoje alugado a uma familia russa), o castello Grammont, o castello da avó da rainha de Hespanha, a *Chambre d'Amour*, etc. No passeio que se dá até á barra de Bayona, passa-se por um sitio, por nome a *Chambre d'Amour*, assim denominado por ter uma gruta com a sua lenda, a qual refere que, durante muito tempo, se juntaram alli dois amantes, cujos amores eram protegidos pelo Oceano. Mas, certa vez, o mar subiu mais alto que de costume, e um pescador, penetrando, vinte e quatro horas



Biarritz. — O «Hotel du Palais»

depois, no ôco do rochedo, encontrou dois cadaveres reunidos n'um supremo abraço. Este local tem outra particularidade merecedora de nota, pois que, na opinião de Quatrefages, marca o extremo limite da cadeia dos Pyreneus, cujas ultimas rochas aqui se submergem no mar.

O viver de Biarritz não se parece, em coisa alguma, com o viver das nossas praias. Alli, não ha a vaidade hypertrophica de Cascaes, a toleima enfatuada de Espinho ou o pedantismo pelintra da Figueira da Foz. Alli, cada um vive como quer, veste-se como lhe apraz e anda como lhe convem, ao envêz do que succede nas praias portuguezas, onde a nossa *toilette*, os nossos gostos e os nossos actos são alvo da critica salobra dos janotinhos bolonios, das catinhas perliquitêtes e dos chroniqueiros dos periodicos, uns e outros de dez réis.

A guisa das mulheres bonitas, as praias teem as suas phases de gloria, de decadencia e de esquecimento. Biarritz manter-se ha na primeira phase, enquanto fôr moda o refrigerio dos banhos de mar, esses banhos que tiveram um impiedoso detractor em José Agostinho de Macedo, que os capitulou de «elixir offerecido por charlatães de frasquinhos». E manter-se ha tambem a sua voga de elegante estação de inverno, porque para isso concorrem a amenidade do seu clima e os esplendores feiticieiros da sua paisagem, dons que levaram á formulação d'este dito, corrente na França do Segundo Imperio, mas que ainda hoje se pode justamente reeditar: — Se Deus quizesse viver na terra, escolheria Biarritz.

PINTO DE CARVALHO (Tinop).



Biarritz. — O salão de leitura do «Hotel du Palais»

mos em Caeterets, alto como a torre Eiffel, com a cabeça á banda, o bigode e a pera do uniforme militar, e a rabona de politiqueiro da Arcada do Terreiro do Paço.

Das tres ás sete da tarde, a praia anima-se de novo e os banhistas enchem-n'a por completo, entretendo-se no passeio que se prolonga até ao hotel *du Palais*. Alguns vão ouvir a orchestra de Messaud na *Grande Plage*, outros sobem na rampa movel para irem escutar a orchestra do Casino Bellevue, e ainda outros vão ao rochedo da Virgem para admirar a fugitiva flexibilidade das vagas, as suas treldices subitas, o vôo das suas volutas, os jactos de espuma que se estendem como as garras hypocritas de um gato. A' noite, quem não frequenta os casinos vae sorvetear e cervejar nos cafés, onde grupos musicas diliciam os tympanos dos consumidores, ou vae ouvir a orchestra de Messaud na praça Santa Eugenia e o sextetto hungaro na praia, que flammeja de globos electricos sob a caricia humida e profunda das noites azuladas e transparentes.

Biarritz está ligada a Bayona por dois caminhos de ferro de via reduzida: o Biarritz-Anglet-Bayona ou o B-A-B e o tramway. Tem

Proverbios allemães

Quando Adão cavava e Eva fiava, a fidalguia onde estava?

Os tolos crescem sem serem regados.

Gem amigos é pouco, um inimigo é muito.

Por sete que sabem cantar ha um que sabe fallar.

O peixe deve nadar trez vezes — em agua, mólho e vinho.

Rodas e advogados precisam ser besuntados.

O cravo segura a ferradura, a ferradura o cavallo, o cavallo o cavalleiro, o cavalleiro o castello, o castello todo o reino.

Ha só duas mulheres boas n'este mundo — uma morreu e a outra ninguem sabe onde está.

Deus cura os doentes e o medico récebe o dinheiro.

Emquanto ferve a panella floresce a amisade.

Exequias por alma de Hintze Ribeiro na cidade do Porto

As exequias no Porto, celebradas na Real Capella da Lapa, no dia 2 do corrente, foram uma deslumbrante manifestação de saudade e uma valiosa homenagem civica ao illustre estadista, tão precocemente arrebatado aos cuidados da familia e ao serviço da patria.

O magestoso templo, bellamente ornado pelo sr. Jayme Silva, produzia um bello effeito. A orchestra, habilmente dirigida pelo no-



Exequias por alma de Hintze Ribeiro na cidade do Porto
A Real capella da Lapa

tavel professor Moreira de Sá, realisou uma execução das peças classicas destinadas ao acto religioso, por um modo distincto.

Cantou a missa o conselheiro Moreira Freire. Assistiram além dos ministros d'estado honorarios, que tinham vindo de Lisboa, muitas pessoas de distincção e grande numero de senhoras, formando uma concorrência luzentissima.

Prégo o nosso amigo e distincto collaborador litterario, o reverendo F. J. Patricio. O que foi o seu brilhante discurso, tão celebrado em toda a imprensa, dispensa-nos de commentarios, estando como está, a fama do illustre orador sagrado acima de toda a nossa referencia. Não damos uma idéa sequer d'esse discurso agora impresso; mas não podemos furtar-nos ao enseo de trasladar para aqui os ultimos periodos da primorosa carta com que o illustrado orador faz um delicadissimo offerecimento da oração á viuva do illustre estadista.

"A ultima vez que contemplei o vulto do meu amigo Hintze, já se havia apagado a luz serena d'aquelle olhar e extinguido toda a força, toda a persuacão, toda a harmonia da

sua voz; coberto de flores estava aquelle corpo inanimado e a luz de uns tremulos cirios que o alumia, vinha do altar onde um Christo em sua cruz abria os braços para abençoar e dar conforto aos que sabem chorar no seio de Deus. V. Ex.^a chorava no desafogo

d'essa dôr ingente que mal chega a admittir consolações. Esse dia não era só o da desolada viuvez do seu coração, era um dia de lucto para o paiz! E eu, confundido no meio de tantas pessoas dedicadissimas que alli iam patentear condolencia e prestar homenagens, retirei-me com o meu sincero pranto trazendo gravado na memoria esse quadro luctuoso que jámais olvidarei. Pois foi essa impressão dolente que me veio associar ás honras funebres que se celebraram no Porto e que me fez subir á tribuna sagrada guiado pelas calidas lagrimas que vi correr deante do Crucificado. A minha frouxa palavra, se traduziu de algum modo aceitavel a sinceridade do meu pranto, não deixará por certo de reflectir-se agora trasladada na imprensa, nas lagrimas de V. Ex.^a que são a nitida expressão da mais veneranda e mais venerada saudade.

Digne-se pois V. Ex.^a aceitar os protestos da mais subida e mais respeitosa consideração do

PADRE F. J. PATRICIO.

Entre as decorações do mausoleu que se erguia no templo, sobresahia um formoso busto cinzelado em marmore de Carrara, obra do grande esculptor Soares dos Reis e que pertence á Associação Commercial do Porto.

W.



Exequias por alma de Hintze Ribeiro na cidade do Porto
O interior do templo

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXXIX

Sem receio de ser immodesto, faz-se a apologia da nossa boa informação. Eleições á porta. Ora graças ás cabaças! — Já sentiram frio?... O delicioso incerno. A natureza não se associa a festas nacionaes. — A chegada dos expedicionarios. — Uma carta e uma resposta.

Ora, pois, meus amados leitores, não ha nada como andar bem informado. Não lhes disse eu, ha um mez, que teriamos eleições em março? Está claro que disse. Pois tanto bastou para que os jornaes auctorizados pela sua privança com o governo annunciassem o mesmo faustissimo acontecimento tres semanas depois.

Para que saibam que cá bebe-se do fino.

Aprresso me a confirmar a noticia porque sei que com isso vou dar um alegrão a toda a gente, visto que toda a gente tem o maior interesse no acto eleitoral, pedido a gritos ha tantos mezes aos ouvidos de mercador do nobre presidente do conselho, que não faz as coisas quando lh'as pedem mas quando entende que as deve fazer.

Podem, pois, v. v. ex.^{as} communicar a suas apprehensivas familias que volveremos breve á normalidade constitucional, o que dará mais calor ao sol, mais avelludado ao azul celeste, acalmará

as tempestades e fará medrar os batataes se por acaso não estiver já escripto no livro do Destino que as batatas hão de nascer pequerruchinhas.

A paz entre os homens pode e deve considerar-se firme. Assim ella o esteja entre os carneiros. Mas tudo leva a crêr que não e que estes, quando tenham noticia de eleições para breve, protestem energicamente contra o regresso á normalidade.

Oxalá que a satisfação das nossas aspirações liberaes não implique alguma boa dose de marradas.

..

E a respeito de frio? Sabem alguma coisa? Sentiram-o já?

Nunca, nunca, por muito que se diga e se escreva d'este nosso clima, se dirá ou escreverá quanto elle merece!

O nosso esplendido clima! Este, ao menos, tem escapado ás fúrias diffamatorias dos jornalistas que cá teem vindo metter o bedelho na nossa vida intima, indo lá para fóra dizer de nós o que Mafoma não disse do toucinho. Mas se o poupam á sua sanha critica, também não lhe apregoam as virtudes. Bentas almas! Elles não querem que venham por ahí fóra os estrangeiros incautos, de binoculo a tiracolo e Bedecker debaixo do braço, correr os mil perigos que o contacto d'estes selvagens offerece.

Os dias de dezembro correm deliciosamente. Alguma chuva, sim, mas pouca, em burrifos, o sufficiente para que se não diga que não estamos no inverno. De vez em quando uma ou outra nuvem que

A esta hora, Lisboa inteira vê desfilar a columna dos bravos que a morte não attingiu pelas balas ou pelas febres. E, attentando n'essas figuras rudes, bronzeadas pelo candente sol d'África, alquebradas pela fadiga — quantos com a saude perdida! — esquecerá em alguns curtos minutos da mais estranha commoção toda a amargura dos ultimos tempos que é, ainda, a amargura de hoje!

Saudemos esse farrapo glorioso que a esta hora atravessa as ruas de Lisboa e que é a bandeira da nossa patria! Saudemos esse punhado de valentes portuguezes que fariam o legitimo orgulho da mais poderosa nação se seus filhos fossem! E' n'esta hora de indivisivel jubilo retemperemos as almas abatidas nas luctas desgraçadas em que nos vimos exgotando.

.. E logo hoje ninguem lobrica por ahí um Civinini, um Hedeman, um Galtier, um velho d'oculos do Times...

E ainda bem! Todo este jubilo, toda esta gloria são para nós e só para nós.

..

No Gremio Litterario, onde poucas vezes vou, fui ha dias encontrar uma carta, datada de ha uns poucos de dias, na qual um cavalheiro que desconheço mas é leitor d'esta revista, referindo-se á recente chamada dos empresarios theatraes á inspecção da policia administrativa e a uma severa reprimenda que o respectivo inspector applicou nas chamadas revistas d'anno, liga esse facto com umas considerações que em tempo fiz aqui sobre o assumpto e pergunta-me: — "E agora? Que lhe parece?..."



Exequias por alma de Hintze Ribeiro na cidade do Porto. — No largo da Lapa

os ares escurece, como diria o epico, sobre nossas cabeças apparece, mas para logo se fundir pela acção do sol que do alto parece rir-se com gosto de toda a trapalhada que cá vae por baixo.

A' hora a que escrevo, meio dia de 12, o tempo está soberbo, lindissimo. Diz-me aqui o visinho do lado, que é o mais completo dicionario de logares communs que conheço, o ter-se hoje vestido a natureza de galas para se associar ao jubilo da nação pelo regresso dos seus bem-amados filhos que em terras inhospitas da Africa foram dar mais uma prova da sua bravura e hastear, altivo, o pendão das quinás.

Este excellento homem é do bom tempo em que se diziam a sério estas coisas e em que n'ellas se acreditava.

Elle não vê que a natureza se tem associado com suas galas indistinctamente aos nossos jubilos e ás nossas tristezas... Bem se importa a natureza conosco! Não tinha ella mais que fazer!... Deu-lhe para isto, é o que é! Deu lhe para isto como lhe poderia ter dado para o contrario.

..

Como quer que seja, porém, o dia está lindo, permittindo a Lisboa em peso assistir ao desembarque e desfile dos bravos soldados que no sertão angolense levantaram bem alto o prestigio do nome portuguez precisamente á hora em que no continente civilisado se empregavam muitas energias na obra dissolvente de o amesquinhar perante o mundo.

Grandes e obscuros homens, que ainda correm para o desconhecido com a alma cheia de fé, os olhos fitos na bandeira da patria, jogando a vida em lances traçozeiros para manter sem macula uma tradição que é uma assombrosa epopeia e um dominio que é, talvez, uma assombrosa utopia!

O dia de hoje foi declarado de gala nacional. Elle não precisava da sancção official para ser considerado de verdadeiro jubilo para todos nós, todos sem distincção!

Agora, está muito bem. E o que me parece é que o meu illustre correspondente não leu com attenção o que escrevi ou se não lembra do que leu.

A admoestação da auctoridade policial está em absoluta concordancia com a opinião que emitti sobre o caso. E' preciso — de uma vez para sempre e por mais de um motivo — limpar á vassourada o theatro de pornographia e de grosseria.

Isto, o que para ahí vemos, é que de fórma alguma pode continuar. Já que desgraçadamente não ha quem comprehenda os seus deveres para com o publico (e propositalmente excluo o que o escriptor deve a si proprio); já que a concessão de uma liberdade leva brutal e soezmente á exploração da licença, a ponto de não haver respeito por instituições, pessoas, decoro, logica e grammatica, — eu, auctor dramatico, que encontro n'esse trabalho uma razoavel compensação que me permite viver modesta mas honradamente, sou o primeiro a applaudir a resolução da policia administrativa.

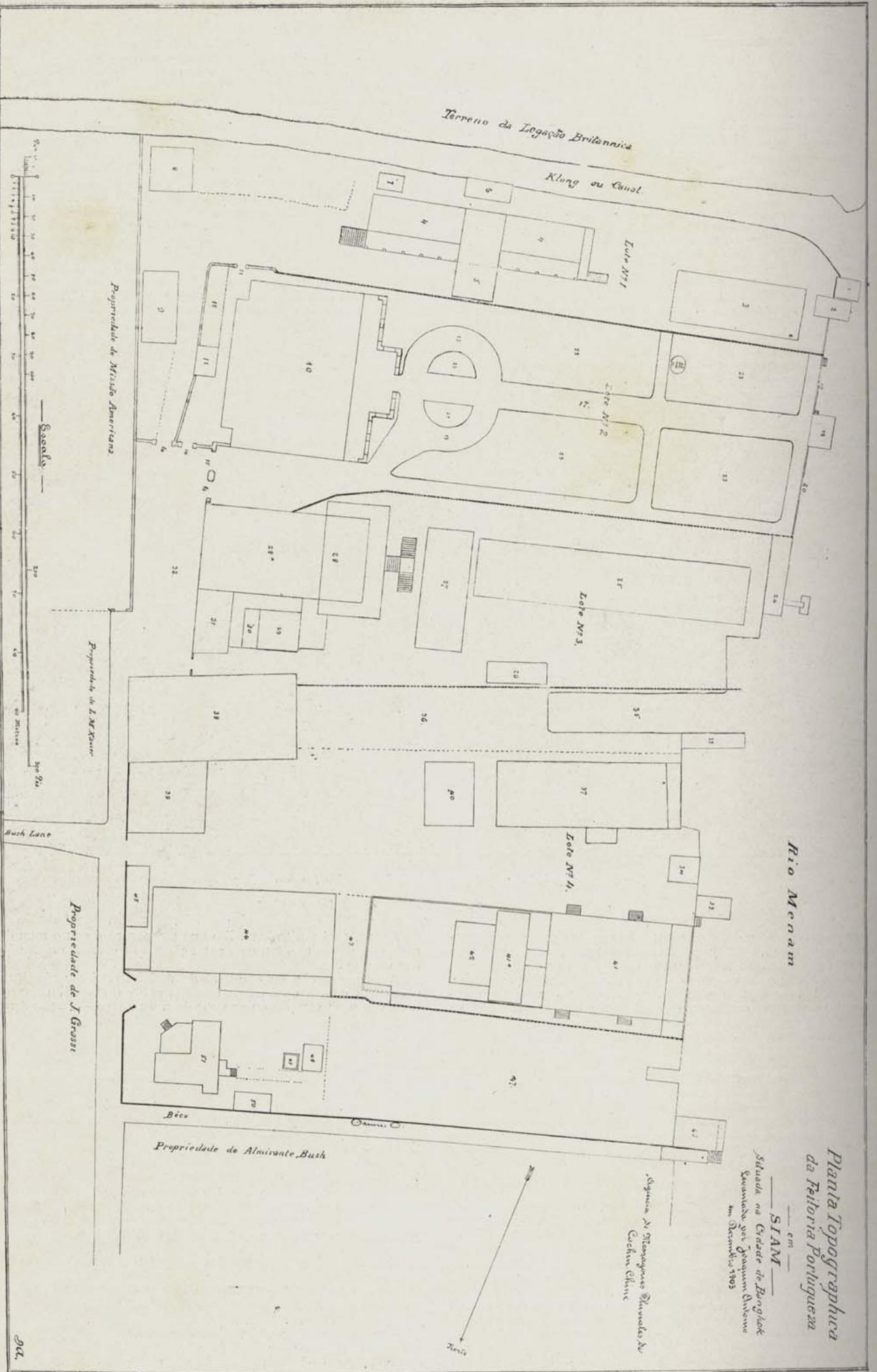
De resto, não se trata apenas do saneamento moral do theatro. O meu correspondente, que é manifestamente pessoa culta, comprehende que é preciso salvar um genero cujas origens estão directa e indirectamente ligadas ao genio de Aristophanes, que não foi precisamente um illustre desconhecido com retrato e elogio no *Almanach dos Palcos e Salas*.

O inspector da policia administrativa, procedendo como procedeu, fez mais alguma cousa que pôr o decoro do espectador ao abrigo de investidas selvagens de creaturas menos escrupulosas, — prestou um relevante serviço ao theatro, que tão carecido anda de solidos amparos. Bem haja!

Eu applaudo-o incondicionalmente e com as duas mãos, embora saiba que o meu applauso não se fará ouvir no meio do charivari que alguns façam pateando com as quatro.

12-12-1907.

CAMARÁ LIMA.



Rio Menam

Terreno da Legação Britânica

Klong ou Canal

Lote Nº 1

Lote Nº 2

Lote Nº 3

Lote Nº 4

Propriedade de Missão Americana

Propriedade de A. McKeon

Propriedade de J. Grassi

Propriedade de Almisante Bush

Saque

Bush Lane

Bico

Planta Topographica
da Tailoria Portuguesa
em
SIAM
Situada na Cidade de Bangkok
Sua Medida por Joaquim Alvares
em Dezembro de 1903

Figura de Topographia Siamesa de
C. G. Clarke

Norte

NO REINO DE SIÃO

A feitoria portugueza em Bangkok

Datam de 1511, depois da conquista de Malaca, as primeiras relações de Portugal com o reino de Sião.

Alfonso de Albuquerque, querendo assegurar boas relações com os estados vizinhos, enviou embaixadores a todos elles em nome de El-Rei D. Manuel, indo a Sião Duarte Fernandes com ricos presentes para o monarcha siamez que os agradeceu com outros ainda de mais valia.

Em 1518 foi enviado o embaixador Coelho que celebrou em Sto-

O primeiro consul só foi nomeado em 1820, levando poderes para negociar um tratado que deveria assegurar os privilegios d'aquella communitade. Unicamente obteve, porém, o terreno para estabelecer uma feitoria e licença para ter guarda de 4 soldados e um sargento destacados da guarnição de Macau.

Os dois consules que se lhe seguiram tambem nada mais adeantaram de modo que, quando o já fallecido Visconde da Praia Grande foi enviado em 1859 para negociar um tratado justo e digno, á imitação dos que já outras nações da Europa tinham concluido, desde largo tempo que os descendentes dos expedicionarios portuguezes tinham perdido a nacionalidade, passando a viver sob a jurisdicção siamesa. Ainda hoje, porém, conservam em grande numero a religião, os appellidos e até muitos, embora adultizada, a lingua dos seus antepassados. Vivem quasi todos agrupados na freguezia de Santa Cruz de Bangkok.

Dá-se o nome de *Feitoria Portugueza* a um terreno que Portugal possui em Bangkok, capital do reino de Sião, o qual nos foi concedido em 1820 pelo monarcha d'este paiz, conforme acima já dissemos.



NO REINO DE SIÃO. — A feitoria portugueza em Bangkok. — O edificio do consulado geral

sia o primeiro tratado de amizade e commercio, levantando-se por tal motivo, n'aquella cidade, um padrão com as armas portuguezas o qual já não existe.

Continuando as relações, duas vezes, sendo a ultima no tempo de D. Maria I, prestou Portugal soccorro ao reino de Sião nas suas guerras contra os birmanezes.

D'estas expedições resultou ficarem por lá muitos dos nossos que, casando com siamezas, d'ellas tiveram descendencia.

Pediram elles com instancia, tanto para a India como para Macau, que lhes mandassem autoridades ecclesiasticas e consulares que os mantivessem no culto da religião catholica e no respeito das leis e dos costumes da sua patria. O proprio governo siamez, em carta de 28 de Dezembro de 1786, dizia que — se os subditos de S. M. El-Rei de Portugal desejassem estabelecer uma feitoria — o rei de Sião estava prompto a conceder o terreno preciso, no qual poderiam edificar uma egreja para que os christãos que, durante tantos annos, tinham estado sem direcção espirital, fossem guiados pelos padres que S. M. quizesse mandar para aquella paiz.

Foram então enviados alguns padres, poucos, fundando um d'elles a confraria de Nossa Senhora do Rosario que durante algum tempo deu união e proveito á colonia portugueza cedendo afinal, pela sua ausencia, o logar a outros de outras nacionalidades.

Este terreno, como se vê pela planta que publicamos, confina ao norte com um caminho publico bastante estreito que o separa da propriedade do almirante Bush, ao sul com o riacho Klong-Bang-Rak, a oeste com o rio Menam e a leste com um caminho publico e com o terreno da missão americana.

Tem de comprimento norte-sul, junto á margem do rio Menam, 113 metros e 91 centimetros, e 121 metros e 61 centimetros no lado opposto interior. De largura leste-oeste mede 87 metros e 78 centimetros na extremidade norte, e 106 metros na extremidade opposta.

Este terreno está dividido em 4 lotes deseguaes, havendo em todos elles casas, armazens e galpões bastante velhos, construidos por antigos inquilinos e que, segundo as condições dos contractos, ficaram pertencendo, com a expiração dos respectivos prazos, ao senhorio.

No primeiro lote, que fica ao sul e que é de todos o mais pequeno, está situada a antiga casa do consul, já muito deteriorada.

No lote n.º 2 levantou-se o edificio do consulado geral, cujo andar nobre foi destinado para residencia do respectivo consul e de sua familia, ficando nos aposentos do rez-do-chão as salas do tribunal, da chancellaria, do archivo e os quartos de arrecadação.

Este edificio começou a construir-se em 1860 á custa dos poucos rendimentos da feitoria, de forma que o esqueleto da casa ficou ex-

posto durante 7 annos ao sol e á chuva. Mais tarde adquiriu-se dinheiro para o capital e juros serem pagos pelos rendimentos futuros, ficando assim concluidas as obras do telhado em 1875.

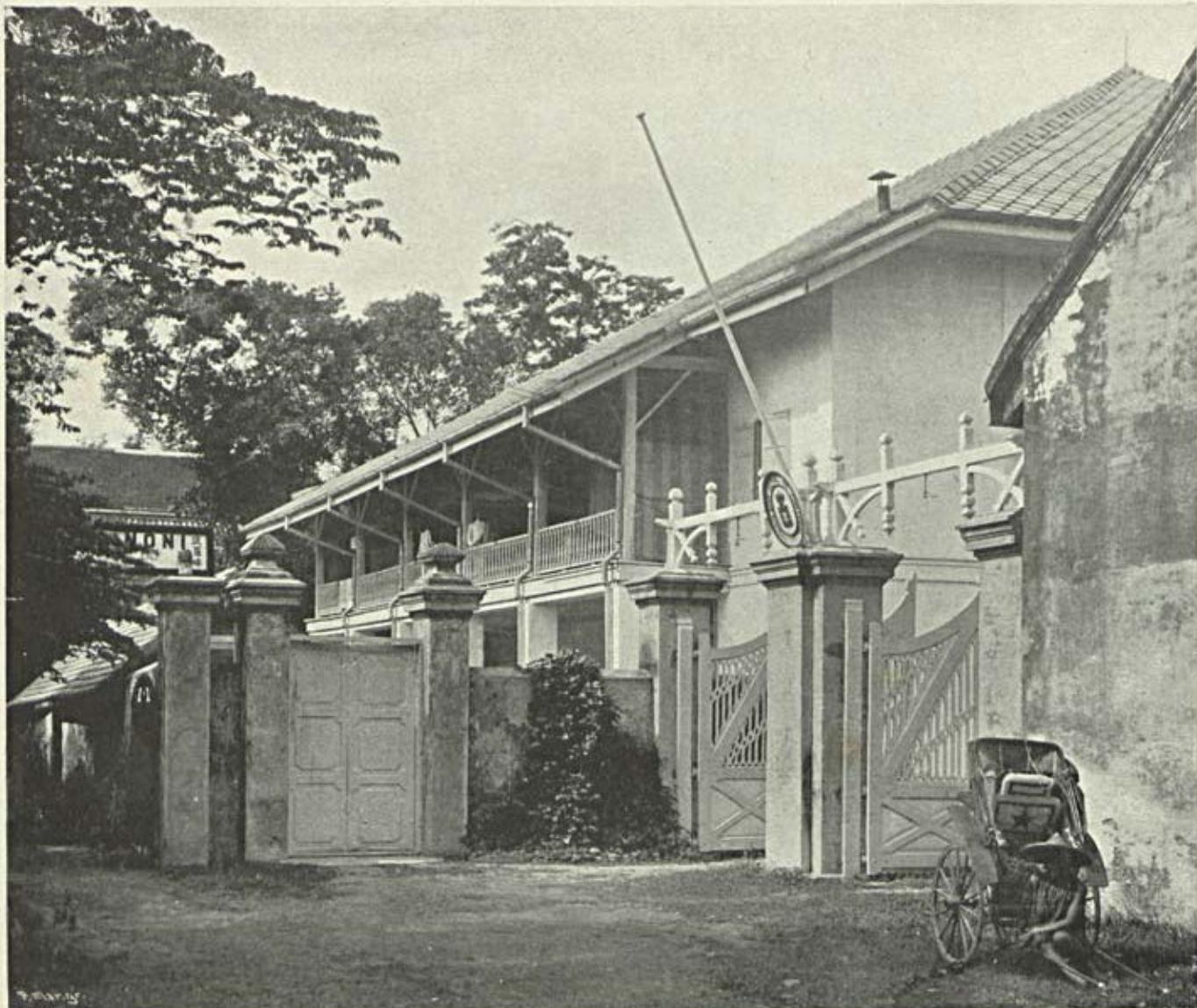
Como porém o madeiramento tivesse ficado muito deteriorado e o edificio carecesse d'outras obras indispensaveis, o nosso amigo e actual consul, sr. Luiz Leopoldo Flores, metteu mãos á empreza e, á custa dos rendimentos da feitoria que, graças á sua intelligencia e boa administração, conseguiu triplicar fazendo novos contractos, realisou os melhoramentos precisos, renovando por completo os telhados e tectos e dando a todo o edificio o magnifico aspecto que se póde admirar nas gravuras que publicamos.

O consulado geral de Portugal é hoje um edificio de aspecto muito superior ao das legações que Inglaterra, França e Allemanha possuem em Bangkok e tem alem d'isso todas as commodidades precisas para o fim a que é destinado.

Todo o edificio é illuminado a luz electrica e egualmente o jar-

Politica internacional

Repentinamente peorou a situação em Marrocos, a ponto de causar justificada inquietação, sobretudo em França. Não só o estado das tribus em volta de Casa Branca não é tranquillizador, mas ainda a lucta entre Muley Hafid e Abdul Aziz inspira cuidados pelo desfecho, que de um momento para o outro póde vir a ter; e agora surge, na propria fronteira de Argel com Marrocos, o grave incidente dos Beni-Snassen, ainda não liquidado e que póde ser o inicio da guerra religiosa, ha tanto tempo annunciada. A invasão da fronteira de Argel pelos



NO REINO DE SIÃO. — A feitoria portugueza em Bangkok. — A entrada do consulado geral pelo lado de terra

dim que lhe fica em frente e pelo meio do qual corre uma rua que vae ter ao rio Manam. Na extremidade d'esta rua existe um parapeito de tijolo e cimento, um caes de ferro, e sobre este um pequeno chalet.

As aguas das chuvas que caíam sobre os telhados entram em receptadores de zinco e são conduzidas, por meio de tubos do mesmo metal, para nove tanques de ferro que estão situados em frente e detrás do edificio. Estas aguas são aproveitadas no verão porque em Bangkok não existe agua boa pois a do rio Manam é turva e impossivel de ser utilizada.

Alem da entrada pelo lado do rio, o edificio tem tambem entrada pelo lado da terra por meio de dois portões encimados pelas armas portuguezas como se vê n'uma das nossas gravuras. E junto d'estes portões que param as carruagens em dias de festa.

Todas estas obras foram começadas em Janeiro do corrente anno e estavam terminadas poucos dias antes do anniversario de suas Magestades.

Por ellas felicitamos o sr. Leopoldo Flores que lá, tão longe, assim sustenta o bom nome de Portugal.

marroquinos póde ter para o futuro dominio da França na sua grande colonia africana serias consequencias. Se o attentado commettido com tão grande audacia não é prompta e severamente castigado, o prestigio da França ficará gravemente comprometido e é de recear alguma sublevação dentro da propria colonia. Em todo o caso esta diversão, que á ultima hora surge na questão de Marrocos, vae exigir da parte da França um novo e maior esforço, que lhe custará mais vidas e muitos milhões. Para lhe tornar mais difficil ainda a situação, o governo de Paris encontra-se entre as pontas do seguinte dilemma: ou emprehe uma acção energica e decisiva contra os Beni-Snassen e os seus alliados, e n'este caso vae de encontro ás susceptibilidades das potencias, principalmente da Allemanha, ou limita-se a operações puramente defensivas para não terir estas susceptibilidade, e n'este caso vê diminuido o seu prestigio entre os arabes de um e outro lado da fronteira, que interpretarão a prudencia da França como um signal de fraqueza.

E' este o melindre da situação.

A questão de Marrocos para se resolver, sobretudo depois do ataque á fronteira argelina, necessitava que a França tivesse uma

inteira liberdade de acção. Era preciso que esta nação pudesse occupar alguns dos pontos proximos da fronteira e o correspondente *hinterland*, e principalmente e desde já que pudesse occupar em territorio marroquino toda a região dos Beni-Snassen.

Ora, é exactamente isto que a França não pôde fazer, apesar de ser indispensavel, porque a Allemanha lh'o não consente. D'ahi o actual estado de cousas, que vae adquirindo character chronico e irreductivel, com grave perigo da paz do mundo; porque a questão de Marrocos, em aberto e na situação em que se encontra, pôde de um momento para o outro ser causa das mais desagradaveis surpresas.

A crise politica, que se manifestou na Allemanha, apesar de por agora se ter conjurado, nem por isso deixa de atrahir as atenções geraes pelas consequencias que virá a ter n'um futuro mais ou menos proximo. Sabe-se como o incidente se deu.

N'uma das ultimas sessões do Reichstsg o sr. Paasche, representante dos nacionaes-liberaes na mesa da camara, na qualidade de vice presidente, pronunciou um discurso extraordinariamente violento contra a corrupção que lavra no exercito, referiu-se a cartas bastante compromettedoras do conde de Lynar e do conde de Hohenau, e acabou por tomar com todo o desassombro a defesa de Harden, em resposta ao proprio ministro da guerra que interveio no debate.

Como era de esperar esta attitude de um dos chefes da maioria produziu enorme sensação nas espheras governamentaes. No dia seguinte o principe de Bülw convocou para uma conferencia todos os chefes do blóco que appoia o chancellor, e, em phrases terminantes, declarou-lhes que se porventura todos os grupos, que compõem a maioria, não engeitassem as palavras do vice-presidente do Reichstsg e elle proprio não se demittisse das suas altas funcções, elle se veria obrigado a abandonar o poder. Como consequencia d'esta intimação os chefes dos partidos governamentaes declararam na sessão publica do Reichstsg, que se realisou no dia seguinte, que todos elles mantinham a sua anterior attitude e continuavam a dar á politica do chancellor o correspondente appoio. Evitou-se d'esta maneira a crise, que parecia inevitavel, e, embora o sr. Paasche não tenha resignado a vice-presidencia do Reichstsg, conforme o principe de Bülw lhe intimára, é certo que indirectamente, pelo menos, todos os elementos do blóco, incluindo os nacionaes-liberaes, o abandonaram. Será, porém, a crise produzida pela attitude do sr. Paasche, uma crise definitivamente resolvida ou simplesmente uma crise adiada? Um proximo futuro responderá a esta interrogação; mas alguma cousa já pôdem a este respeito dizer certos signaes que apparecem no ceo da politica allemã.

Conforme se sabe a actual maioria, que appoia o chancellor, formou-se depois das ultimas eleições, ou antes durante o periodo

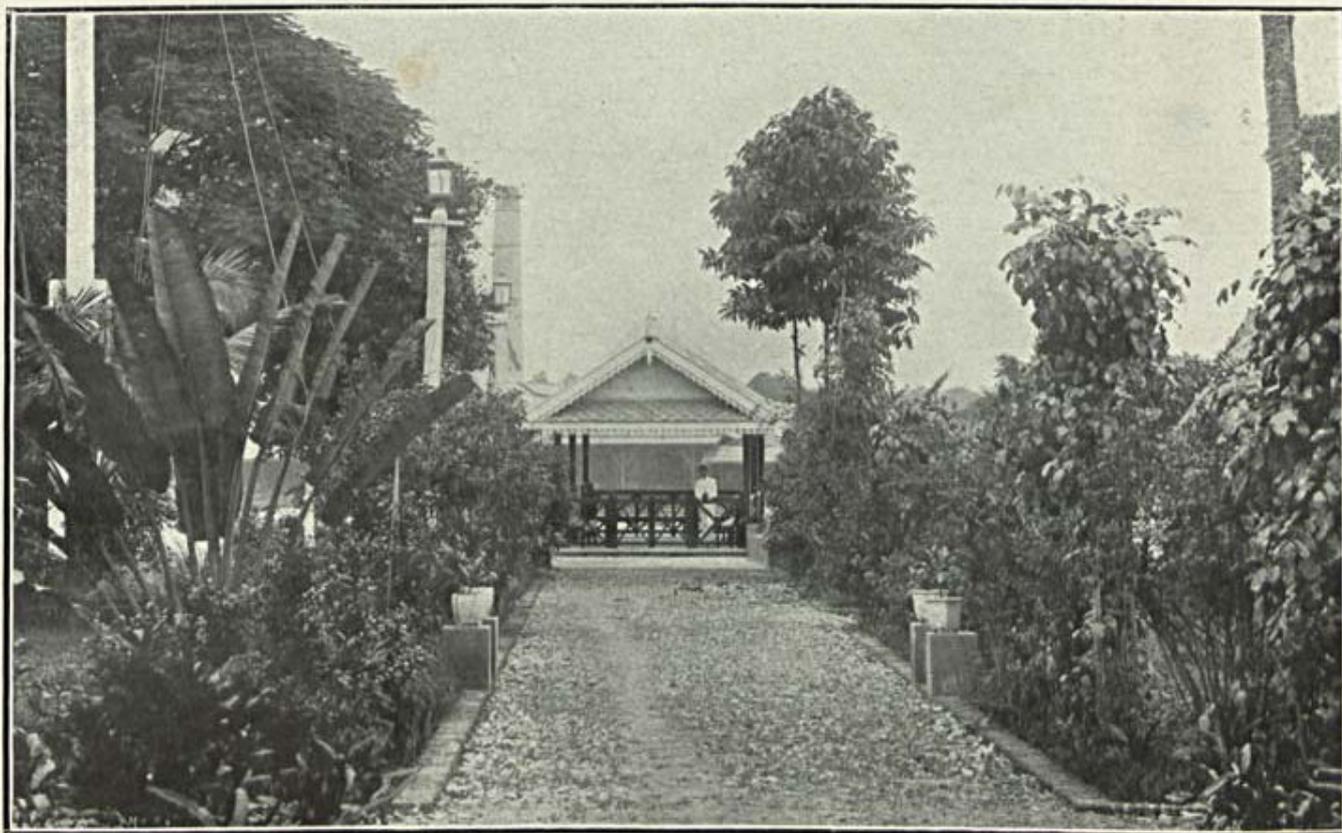
eleitoral, por isso que todos os esforços do governo foram para robustecer os progressistas e os nacionaes-liberaes á custa dos socialistas e do centro, contra os quaes a dissolução do Reichstsg tinha sido feita. De facto os socialistas perderam uma parte da sua representação, o centro manteve apenas as suas antigas posições quando esperava alcançar novos deputados, ao passo que os dois partidos liberaes, tão fracamente representados na camara dissolvida, viram de repente o numero dos seus candidatos triumphantes attingir inesperadas proporções.

Em paga d'este auxilio, que o chancellor lhes prestára, os dois partidos consentiram em entrar para o blóco, que ficou constituído por elles e pelos conservadores. Ficou por isso chamando-se 'blóco conservador-liberal'.

E' de vêr, porém, que esta alliança hybrida e puramente de occasião não tem probabilidades de durar, porque, a menos que os progressistas e os nacionaes-liberaes abduquem absolutamente do seu programma, não é possivel uma união permanente entre conservadores e liberaes, logo que as grandes questões de principios tenham de ser discutidas no Reichstsg. O incidente promovido pela imprevisista attitude do sr. Paasche a respeito do julgamento Harden-Moltke foi apenas um symptoma e um pretexto, por isso que já se annuncia, como de muito maior gravidade para a estabilidade do governo, a resistencia dos nacionaes-liberaes a approvarem o projecto do chancellor de um imposto federal sobre o alcool, destinado a fazer face ao deficit do orçamento. Na questão polaca, em que o governo apresenta um projecto de lei de expropriação forçada das propriedades dos polacos nas provincias orientaes da Prussia, para robustecer a colonisação allemã, é tambem muito provavel que os elementos liberaes do blóco o não acompanhem. De modo que não obstante o optimismo com que os órgãos governamentaes se referem á chamada "crise dos dez minutos", tão rapidamente conjurada, é facto que a situação continúa incerta e que a posição do principe de Bülw está longe de ser segura. Por agora conseguiu-se evitar o rompimento, não ha duvida.

Mas abundam os signaes no ceo a prognosticar que o blóco conservador-liberal tem os seus dias contados e com elle o chancellor do imperio.

Na quinzena que acaba de passar, desapareceu com o rei Oscar II uma das mais sympathicas figuras da historia contemporanea. Não era um estadista ou um guerreiro, que enchesse com a sua actividade irrequieta toda a scena politica do mundo. Mas era um espirito equilibrado e sobretudo um "bom", que deixa de si entre o povo, que por espaço de trinta e quatro annos governou, uma saudosa recordação. O seu procedimento na questão com a Noruega conferiu-lhe um logar unico na galeria dos chefes de estado da Europa. Nenhum outro teria consentido, sem tentar o argumento da força, em vêr diminuida de metade a nação a que presidia. Principalmente nenhum outro rei teria perdoado ao povo noroeguez o tel-o deposto em pleno parlamento, proclamando se independente e desligando o seu destino da dynastia dos Bernardottes. Oscar II,



NO REINO DE SIÃO. — A feitoria portugueza em Bangkok. — O chalet na extremidade da rua que dá para o rio Menam

porém, apesar de muito instado pelo partido militar sueco, apesar de saber que a sua attitude ia desagradar a uma parte da nação, teve um bello gesto, que basta para lhe assegurar um honrado lugar na historia e uma memoria querida entre todos os amigos da paz — não quiz manchar o seu nome com qualquer violencia commettida contra o povo irmão, e impediu que se declarasse a guerra á Noroega, dando assim ao mundo um nobre exemplo de desinteresse e de respeito pela vontade popular. Que outro rei ou imperador teria a coragem de proceder assim em idênticas circumstancias? E senão veja-se como procede Francisco José com os húngaros, que não querem estar sob o dominio da Austria; como procede Guilherme II com os dinamarquezes do Slesswig, que não querem ser allemães e que por uma clausula do proprio tratado, que os espoliou, teem o direito de se pronunciar em plebiscito sobre a nacionalidade por que optam; como procede Eduardo VII com os irlandezes, que reclamam o *home rule* para a sua ilha, e que por todos os modos protestam contra a supremacia politica do parlamento de Westminster.

O contraste entre o procedimento d'estas testas coroadas e o do rei Oscar II, não consentindo que se forçassem os noroegueses a estar unidos á Suecia contra vontade d'elles, mais accentua ainda a nobreza da acção do velho soberano.

E não se diga, que a Austria não pôde ceder aos desejos de independencia da Hungria, que a Allemanha não pôde consentir aos

dinamarquezes aquillo a que se comprometteu, que a Inglaterra não pôde tolerar que á Irlanda se outorgue o *home rule*, porque n'estes tres paizes fazer a vontade aos elementos separatistas equivaleria a diminuir a força, a importancia e o prestigio dos respectivos estados. Mas a Suecia não viu diminuidas a sua força, a sua importancia e o seu prestigio com a separação de Noroega? De certo. Antes da separação o reino unido scandinavo era territorialmente uma das maiores nações da Europa. A sua população orçava por 9 milhões, o que já representava uma cifra importante. A sua situação estrategica era incomparavelmente mais forte, tendo apenas que defender a sua fronteira com a Russia. E a sua importancia politica era a resultante de todos estes elementos de força e de riqueza e hoje tudo isso se acha reduzido a metade, com o encargo da defeza de mais uma extensissima fronteira de terra, a que separa actualmente os dois paizes, antigamente unidos. Como não ha de ter diminuido a situação internacional da Suecia? E como não se ha de ter ressentido a sua riqueza economica, com a perda da grande esquadra mercante noroegueza, que passa agora a ser para ella uma esquadra estrangeira?

Pois apesar de tudo Oscar II, como verdadeiro amigo da paz, não consentiu que se desembainhasse a espada contra o povo irmão, que queria separar-se... Que melhor elogio se lhe pôde fazer?

CONSIGLIERI PEDROSO.

NOITE DE NATAL



Quadro de Correggio

Isabel Fragoso

Theatros

D. Amelia, A Réjane. — D. Maria, O Judas. — Gymnasio, O Pinto Calçado. — Trindade, Avenida, Principe Real, Rua dos Condes, Recistas. — Colyseu dos Recreios.

O acontecimento theatral d'estes dias tem sido, sem duvida, a Réjane.

São tão raros os astros de primeira grandeza que surgem no nosso firmamento artistico que o apparecimento de um, grande entre os grandes, não pode deixar de attrahir e emocionar o espirito publico. E' certo que elle não era inedito para os nossos olhos e para a nossa admiração; é certo que no nosso horizonte theatral elle já brilhara ha annos, com todo o seu fulgor, com toda a sua irradiação, e não é menos certo tambem que nas paginas d'esta mesma revista hosannas já foram erguidas ao primeiro apparecimento d'este astro, e louvores foram tributados, com o mesmo enthusiasmo com que o são hoje, ao astronomo por excellencia do theatro portuguez, o visconde de S. Luiz Braga, que tem o poder não só de descobrir com o seu telescopio infallivel os astros ao mesmo tempo luminosos e condescendentes, mas tambem — o que não vale menos — de os chamar e attrahir ao nosso firmamento e collocar-os no raio da nossa visão deslumbrada e dos nossos applausos reconhecidos.

Duas vezes em Portugal a Réjane, é caso thaumaturgico, que só pode ser explicado pela invocação de uma vara magica ou de um condão privilegiado. E agora sobretudo que a potentosa comediante resolvera despedir-se das suas *tournees*, e consagrar as ultimas *éetapes* da sua carreira gloriosa ao seu grande e querido publico de Paris, vermo-la de novo em Lisboa, termo-la aqui, deante de nós, n'aquelle mesmo palco que tantas celebridades teem pisado, admirarmo-la nas ultimas creações do seu talento, fazermos morrer de inveja aquellos que por esses paizes fóra não tiveram a mesma dita, é razão de sobra para nos gloriarmos e congratularmo-nos ao mesmo tempo com a empreza do **D. Amelia**, que em sete espectaculos seguidos nos proporcionou os mais exquisitos acepipes theatraes, as mais delicadas *gourmandises* artisticas.

Já lá vae a Réjane, já não é nossa, já Paris a possui novamente, e ainda nos nossos ouvidos vibra a sua voz que percorre toda a gamma da ternura, da graciosidade, da paixão! Continúa a applaudil-a a grande capital, e ainda a sua arte suprema de comediante se ergue deante de nós para nos dar a sensação real da vida, para nos dar com a maxima verdade o maximo encanto.

A Zázá, a Jacqueline, a Hélene, essas deliciosas figuras da *Suzeraine* e da *Souris*, essa formosa galeria de typos creados pela sua arte de comediante não se apagará na nossa retina nem desaparecerá da nossa recordação, em que a figura da Réjane occupa um lugar de honra na primeira plana dos artistas modernos.

E agora que já não temos francezes nem começaram ainda os italianos, vamos continuando a cultivar o patriotismo, que tão bem assenta n'esta época de expedicionarios e de glorificações populares. Continuamos a applaudir na *Casa em ordem* os nossos artistas do **D. Amelia**, que, como Lucilla e Augusto Rosa, muito alto levantam a sua arte e mostram que o theatro portuguez merece ser apreciado e applaudido, como acaba de o ser, por uma artista como a Réjane.

Não esqueçamos que em **D. Maria** uma peça portugueza, em verso, está em scena, e que ha poucas noites ainda uma sala escolhida e cheia consagrou o auctor na recita dada em sua honra.

Ao **Gymnasio** vamos desopilar o figado com as graças picantes e os ditos improvisos e graciosos do *Pinto calçado*, em que Valle revive e toda a sua indole comica; ás revistas da **Trindade**, do **Avenida**, do **Principe Real** e da **Rua dos Condes** vamos entreter algumas horas a saborear as novas scenas com que os auctores todos os dias remoçam essas peças populares, e, finalmente, uma noite ou outra vamos passa-la ao **Colyseu dos Recreios** em que Antonio Santos se encarregou de demonstrar praticamente que não ha espectaculos que cansem, porque todas as noites apparecem numeros sensacionaes e surgem novidades que são a vida dos olhos e o encanto dos... cinco sentidos.

JAYME VICTOR.

O *Brasil Portugal* faz suas as judiciosas considerações que com o seu suggestivo estylo, desenvolve João Chagas n'esta brilhante chronica:

"Eu não sou um amator de opera lyrica, além de uma certa medida. A vida cantada parece-me uma coisa horrendamente sophismada e todos os sophismas me são odiosos. Além d'isso, não sou um frequentador do theatro de S. Carlos, que reputo um coio de conservadores e de *parvenus*. Tanto os destinos da opera lyrica como os d'aquella casa de espectaculos me são, pois, indifferentes, tendo porém, notado que nos ultimos tempos, essa casa se tornou de um accesso excessivamente difficil a todos aquelles que não possuam direitos á benevolencia do seu empregario, muitas vezes me succedeu considerar o theatro de S. Carlos como um privilegio antipatico.

Em toda a parte do mundo os theatros são do publico. Em Portugal, o theatro de S. Carlos é de uma casta — a casta dos individuos privilegiados que o frequentam e o enchem, creio que de cima a baixo, porque não ha maneira de introduzir lá quem quer que não lhe pertença. O theatro de S. Carlos é um recinto fechado. Um estrangeiro ou um provinciano que queira assistir a uma das suas

Uma artista mais que honra o paiz que lhe foi berço. Isabel Fragoso, portugueza gentil, que apenas conta 19 annos, muito promette no mundo da divina arte do canto. A critica auctorizada descobriu-a já e prophetisou-lhe um largo futuro de gloria, taes são a pureza da sua bella voz de soprano ligeiro, que se emitta facil, a firmeza de dicção e a intelligencia com que se adapta ás exigencias da scena. Alumna notavel do Conservatorio, foi discipula do «maestro» Sarti, e actualmente estuda em Milão sob a direcção de Elvira Tetrizzini.

Garganta privilegiada em que os trilos são gorgeios, Isabel Fragoso fez sensação em Mondovi, onde se estreiou ha pouco tempo, no «Fra Diavolo», em Asti, em Locano, em Trieste, e ha poucos mezes no Colyseu dos Recreios, onde a pedido, e em uma recita extraordinaria, cantou a parte de Rozina, do «Barbeiro».

Começa agora e tem já um nome a nossa graciosisa lisboeta, ha dias contractada para Parma. A Italia, que não malbarata elogios, consagrou-a como artista de valor e todos os jornaes da especialidade saudam a nova estrellta que tem luz propria e que em breve virá enfileirar-se ao lado dos astros de primeira grandeza.

Assim seja — taes são os votos do «Brasil-Portugal» ao dar á estampa o retrato de Isabel Fragoso.

Grupo de marinheiros que partiram na ultima expedição



(Cliché de A. C. Lima).

recitas, encontra as suas portas fechadas. Não é um theatro é uma cooperativa, destinada a engordar tenores e mantida por um typo social denominado — o assignante de S. Carlos.

Diriamos, no entanto, que todos podem ser assignantes de S. Carlos. Não é assim. Só podem ser assignantes de S. Carlos os individuos eleitos pelo empresario vitalicio d'este theatro, o qual é como notoriamente se sabe, o sr. Paccini. Viver nas boas graças do sr. Paccini tal é pois, o desideratum do assignante de S. Carlos. Quando chega a época de renovar-se a assignatura os assignantes tremem, e digo que tremem porque é facil ao sr. Paccini eliminar das suas listas aquelles que tenham incorrido no seu desagrado, durante a época anterior, já reprovando os seus elencos, já manifestando hostilidade contra os seus espectaculos, e tudo isto me tem parecido insupportavelmente ridiculo e despotico — o estado de servidão dos amadores de opera e a soberania do sr. Paccini.

Eis aqui, porém, que o theatro de S. Carlos se fecha ainda mais hermeticamente ao publico adventicio e então deixem-me dizer-lhes: isto não é já um theatro fechado — é um theatro prohibido.

Com effeito, pode ler-se hoje n'um d'esses raros jornaes da tarde que ainda não conseguiram fazer-se suspender:

S. Carlos

"A empreza d'este theatro tendo visto annunciada nos jornaes a venda de assignaturas de cadeiras, previne as pessoas que transacionarem por esta fórma, que não podem fazer uso d'essas assi-

gnaturas que são intransmissiveis, perdendo por isso o direito de entrada no theatro."

Assignaturas — intransmissiveis! Para se frequentar S. Carlos d'ora avante é preciso mostrar não já um bilhete de assignatura chancellado pelo sr. Paccini, mas uma folha corrida passada na Boa-Hora, não vá debaixo de um peitilho lustroso estar uma alma suspeita.

Não importa! Deve ser d'ora avante muito significativo o aspecto da sala de S. Carlos.

JOÃO CHAGAS.

Água das Lombadas

O jury da Exposição Internacional de Hygiene, Artes e Officios, de Madrid, acaba de premiar a Agua das Lombadas, cujo annuncio desde ha muitos annos vimos publicando na capa d'esta Revista, com uma medalha d'ouro, o que é mais uma distincção a juntar a muitas outras que as suas excellentes qualidades lhe tem grangeado em todas as exposições onde tem sido apresentada em concorrência com as mais affamadas aguas estrangeiras.

Theatro da Rua dos Condes



Os artistas da actual companhia



Um dos quadros da revista «O Centro». — Apotheose de Alfredo Keil